

The megacorp and oligopoly: micro foundations of macro dynamics

Eichner, Alfred S. *The Megacorp and Oligopoly: Micro Foundations of Macro Dynamics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976. 366 pp.

MARIO FERREIRA PRESSER

No começo dos anos 70, iniciou-se uma crise da teoria econômica que perdura até hoje. Nos Estados Unidos, na esteira dessa crise, formou-se um grupo de economistas, reunidos em torno do *Journal of Post Keynesian Economics*, que se autodenominaram pós-keynesianos, e cujos membros mais conhecidos são Paul Davidson, Sydney Weintraub, Alfred Eichner, Hyman Minsky e Jan Kregel. Esse grupo, que surgiu como uma reação à grande síntese neoclássica, elaborada nos Estados Unidos por Paul Samuelson e seus seguidores, passou a denunciar sistematicamente a deficiente incorporação da revolução keynesiana nessa síntese, resultando no que a Prof.^a Joan Robinson, com propriedade, chamou de *bastard keynesianism*. As principais idéias do grupo estão resumidas em outro livro,¹ mas partem de três proposições fundamentais:

a) As expectativas sobre o futuro são necessariamente incertas e os eventos futuros não podem ser completamente antecipados pelos agentes econômicos. As expectativas prévias podem não se realizar e as expectativas futuras afetam as decisões tomadas hoje. Ambos os fatos devem ser tomados em consideração pela teoria econômica.

¹ Alfred S. Eichner, *A Guide to Post Keynesian Economics* (White Plains, Nova York: M. E. Sharpe, Inc., 1978).

b) Os processos de tomada de decisões, como os de consumir e investir, efetuados em um determinado tempo histórico, são essencialmente irreversíveis. Os efeitos de tais decisões permanecem no sistema econômico por um longo tempo (por exemplo, nova capacidade produtiva no caso das decisões de investir) e não podem ser ignorados, mesmo se as expectativas que cercavam o processo de tomada de decisões não se realizarem.

c) As instituições políticas e econômicas desempenham um papel extremamente importante no mundo real e podem influenciar significativamente os eventos econômicos. Os agentes econômicos estão reunidos em grupos organizados e institucionalizados, cada um deles tentando obter uma fatia maior do "bolo" econômico para si mesmo. O estudo e a consideração dessas instituições políticas e econômicas são essenciais na prescrição de políticas econômicas eficazes.

Coube a Eichner a tentativa de estabelecer uma teoria de preços pós-keynesiana como alternativa à microeconomia neoclássica, propondo-se a responder à questão de como a determinação dos preços afeta o crescimento e a estabilidade da economia como um todo e, em especial, de como combater a estagflação que presentemente assola a economia americana.

Os keynesianos de Cambridge, Inglaterra, agora geralmente denominados neokeynesianos na literatura econômica, de há muito defendiam a posição de que, em mercados oligopolistas, os preços eram determinados segundo a combinação de dois princípios básicos: o do *full-cost* e o do *mark-up*. Mais ainda, verificaram eles que, uma vez sendo fixada pelas empresas líderes, a margem de lucro de uma indústria não apresentava grandes variações ao longo do ciclo econômico, e assim a essência de seu diagnóstico no tocante à formação dos preços industriais era a de que esses são quase insensíveis a mudanças no lado da demanda, mas reagem rapidamente a mudanças nos custos de produção. Toda a prescrição antiinflacionária neokeynesiana, particularmente sua decidida oposição à receita monetarista, baseia-se nessa verificação.

Eichner, partindo dos postulados neokeynesianos e propondo-se a dar uma solução determinada ao problema do *mark-up*, argumentou que o seu nível em mercados oligopolistas podia ser explicado pela demanda de fundos internos para financiar o investimento

planejado das empresas líderes. Assim, os movimentos nos preços seriam o resultado de mudanças nos custos de produção e nos planos de investimento dessas empresas.

O investimento planejado foi também acertadamente focado por Eichner como uma arma na concorrência oligopolista. Nele estariam incluídas, ao lado do aumento da capacidade produtiva, as despesas com publicidade, pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e todas aquelas igualmente destinadas a melhorar a posição de mercado da empresa no longo prazo. A solução do autor é determinada do ponto de vista do longo prazo de uma indústria (e não da firma individual) e, ainda assim, apenas para a mudança no *mark-up* de um determinado período de tempo para o próximo: mantidos os custos de produção constantes, o *mark-up* seria fixado de modo a financiar o investimento planejado da empresa líder no longo prazo (ao longo do ciclo econômico).

A seguir, Eichner deduziu as conseqüências macroeconômicas de sua teoria de determinação dos preços, assinalando, como os neokeynesianos, a ineficácia das tradicionais políticas de controle da demanda agregada para influenciar o comportamento dos preços no setor oligopolizado da indústria americana: os preços não variam com o nível da demanda agregada. Devido ao poderio dos sindicatos trabalhistas americanos, que defendem o nível de salário real, o resultado mais provável de tentativas de controlar a inflação desaquecendo a economia seria um recrudescimento da espiral preços-salários na indústria, agravando ainda mais as pressões inflacionárias na economia americana como um todo.

Ainda como os neokeynesianos, Eichner apontou os motivos pelos quais o investimento industrial tenderia a ser inelástico em relação a mudanças na taxa de juros: os investimentos destinados a defender a participação da empresa no mercado ou destinados a aumentar as barreiras à entrada para potenciais rivais, justamente a maioria das despesas relacionadas com a rubrica investimento em uma economia moderna, seriam realizados com grande independência da taxa de juros vigente no mercado financeiro. Além do mais, acrescentou Eichner, através de sua política de preços os *megacorps* gerariam internamente a maior parte dos fundos necessários à sua estratégia de investimentos.

Como, no esquema do autor, as poupanças geradas e as decisões de investir estariam nas mãos dos mesmos agentes econômicos (as grandes empresas ou *megacorps*, como resultado da política de *mark-up*), uma das conclusões do livro foi a de que os *megacorps* possuem uma influência estabilizadora ao longo do ciclo econômico. As decisões de investir estariam associadas às expectativas de longo prazo, conferindo um comportamento anticíclico pronunciado às grandes empresas, ou seja, na fase ascendente do ciclo, a poupança realizada pelas grandes empresas seria relativamente maior do que seu investimento realizado e, na fase descendente, o investimento planejado continuaria a ser efetuado (apesar da agora relativamente menor poupança realizada), resultando dessas duas tendências um comportamento estabilizador das grandes empresas. Eichner criticou especificamente Kalecki e Steindl por postularem expectativas muito voláteis para os capitalistas, o que não seria adequado para dar conta do comportamento dos *megacorps*.

Quanto à espiral preços-salários, Eichner destacou que na indústria americana os aumentos salariais seriam altamente dependentes de um processo-chave de barganha realizado entre os trabalhadores e empresários das indústrias do aço e automobilística, nas quais os dissídios alcançados tenderiam a se tornar o padrão para os demais dissídios salariais nos outros setores industriais. Para escapar do dilema da estagflação, o autor avançou o diagnóstico de que para passar a uma taxa de crescimento global da economia americana, mais elevada, seria necessário ao governo adotar um planejamento indicativo para orientar o investimento privado e sustentar um *deficit* fiscal ainda por certo tempo. Para viabilizar o controle da inflação seria necessário um acordo com os poderosos sindicatos americanos, que seriam convocados a moderar suas reivindicações no curto prazo, ensejando assim que as grandes empresas se apropriassem primeiro dos frutos do novo crescimento econômico e sustentassem a acumulação de capital em níveis mais elevados. Para garantir o acordo dos sindicatos, Eichner sugeriu uma política de rendas, ao lado de uma política fiscal que penalizasse severamente os ganhos de capital por indivíduos e de um maior controle social do investimento.

Creio que o esforço de Eichner é bem representativo dos resultados até agora alcançados pelos pós-keynesianos. O ponto forte do grupo é a crítica à síntese neoclássica ainda predominante como escola de pensamento econômico nos Estados Unidos, mas as novas respostas ainda não têm o rigor necessário para se constituírem em um paradigma alternativo.

A postulação central de Eichner no tocante à determinação do *mark-up* não encontrou nem mesmo o respaldo da Prof.^a Joan Robinson, grande incentivadora do grupo, que, em seu prefácio a *A Guide to Post Keynesian Economics*, colocou elegantemente suas restrições a essa postulação: "It is fashionable nowadays to argue that the great corporations can make their selling prices what they please, and that their policy is to set gross profits at the level which is expected to yield the funds that they need to carry out their investment plans; but it would be no less plausible to argue that investment plans are influenced by the gross profits actually realized".²

Na verdade, a postulação mais aceita até agora na literatura econômica é a de que os preços são determinados segundo as oportunidades e restrições de um jogo oligopolista em muito dependente do tipo de mercado industrial (e da intensidade da concorrência capitalista) em que a empresa atua. Assim, não existe ainda uma bem determinada teoria da formação dos preços, e talvez ela nem seja necessária para entender os problemas de acumulação, distribuição, crescimento, emprego e inflação que são centrais nos trabalhos dos pós-keynesianos. A argumentação contra a proposição de Eichner aumenta de peso ao lembrarmos que os *megacorps* são, em geral, empresas multidivisionais, organizadas em divisões especializadas em diferentes linhas de produtos, e onde a política de preços normalmente compete à própria divisão, mas as decisões de investir são de responsabilidade de um escritório central, que aloca os lucros gerados pelas diferentes divisões segundo as prioridades globais da empresa. Existe todo um sistema de incentivos destinado a premiar os gerentes das divisões com melhor desempenho, mas não existe um controle central da política de preços como sugeriu

² *Ibid.*, p. XX.

Eichner. Assim, a determinação dos preços para os diferentes produtos é, em geral, uma decisão completamente separada da de investir na grande empresa capitalista.

Quanto à constatação de uma suposta estabilidade e um pronunciado comportamento anticíclico da política de investimentos dos *megacorps*, esta é, no mínimo, surpreendente, se considerarmos os próprios princípios básicos da proposta pós-keynesiana. Eichner supôs que as expectativas de longo prazo dessas empresas em geral não se alterariam com os resultados de curto prazo, o que está em completo desacordo com o princípio da incerteza nas decisões de investir, que em muitos mercados oligopolistas, por exemplo, são imitativas e tomadas quase ao mesmo tempo por todas as empresas líderes na ânsia de conquistar novos mercados ou preservar os já existentes. Em determinadas circunstâncias, isso acaba por gerar capacidade ociosa não-planejada generalizada na indústria, o que obviamente obriga o cancelamento dos planos de investimentos anteriores. Não há *feedback* do curto para o longo prazo no esquema de Eichner, assim como são ignoradas as restrições macroeconômicas, geradas por decisões anteriores do conjunto das empresas, que vão afetar no momento seguinte suas expectativas individuais de longo prazo, e também não são facilmente explicados, no modelo proposto, os ciclos econômicos.

Mais ainda, as evidências referentes ao autofinanciamento por parte das grandes empresas americanas não ajudam na corroboração das idéias do autor. O endividamento externo é muito maior e a política monetária, principalmente os efeitos na taxa de juros, não é tão "neutra" quanto Eichner supôs. Uma elevação da taxa de juros, mesmo a de curto prazo, pode causar sensível aumento no serviço financeiro desse débito externo. Ao mesmo tempo, para as grandes empresas que se diversificaram em direção à conglomeração financeira (tendência que Eichner ignora), isso representa uma oportunidade para ganhos especulativos no mercado financeiro, diminuindo ainda mais a atração dos investimentos no lado real da economia.

A prescrição de política econômica abraçada pelos pós-keynesianos para resolver os graves problemas atuais da economia americana peca por ingenuidade. Num país como os Estados Unidos, onde a

ausência de uma elevada atividade do Estado na economia encontra enorme respaldo ideológico na sociedade, a sugestão de controle social dos preços, dos salários e, acima de tudo, dos investimentos, na extensão sugerida, representaria uma abdicação completa do *big business* americano que só se pode atribuir às esperanças de um vago “socialismo democrático” do grupo.

Infelizmente, como é regra em grupos pequenos e sob forte pressão externa, a solidariedade desenvolvida dentro do grupo dificultará uma rápida autocrítica do esquema proposto. Assim, é duvidoso que o sucesso atingido pelos pós-keynesianos na crítica à microeconomia neoclássica seja imediatamente repetido na construção de uma alternativa superior. Os economistas não identificados com a tradição neoclássica continuam, com referência à crise de sua ciência, na mesma situação do personagem de Samuel Beckett em *Waiting for Godot*: “Nothing happens, nobody comes, nobody goes, it’s awful”.



Pesquisa e planejamento econômico. v. 1 —

n. 1 — jun. 1971 — Rio de Janeiro,
Instituto de Planejamento Econômico e Social, 1971 —

v. — quadrimestral

Título anterior: Pesquisa e Planejamento v. 1, n. 1 e 2, 1971.
Periodicidade anterior. Semestral de 1971-1975.

1. Economia — Pesquisa — Periódicos. 2. Planejamento
Econômico — Brasil. I. Brasil. Instituto de Planejamento Eco-
nômico e Social.



CDD 330.05
CDU 33(81) (05)

Errata da PPE, vol. 10, n.º 3 (dezembro de 1980)

p. 958 — onde se lê: $\dot{K} \frac{\dot{H}}{P} + \frac{\dot{B}}{P} - i \frac{B}{P} + s \left(\frac{H}{P} + \frac{B}{P} \right)$ (1)

leia-se: $\dot{K} = \frac{\dot{H}}{P} + \frac{\dot{b}}{P} - i \frac{R}{P} + s \left(\frac{H}{P} + \frac{B}{P} \right)$ (1)

p. 960 — onde se lê: $\frac{B}{P} = fK$ (4)

leia-se: $\frac{B}{P} = fK$ (4)